

MOBILIDADE INTERGERACIONAL DE OCUPAÇÃO, EDUCAÇÃO E PADRÃO DE VIDA NO BRASIL

Gerlany de Araújo Marques. Economista. Bancária - Funcionária do Banco do Nordeste. Doutoranda em economia pelo CAEN/UFC. Mestre em Economia pelo CAEN/UFC. Especialista em Gestão Pública Municipal pela Universidade Federal da Paraíba (UFPB). E-mail: gerlanyam@bnb.gov.br. Orcid: <https://orcid.org/0009-0001-1954-621X>.

Francisca Zilania Mariano. Professora Adjunta do Programa de Pós-Graduação em Economia da Universidade Federal do Ceará CAEN/UFC. Doutorado em Economia pelo CAEN/UFC. Pesquisadora do Laboratório de Pobreza (LEP) do Centro de Pós-Graduação em Economia CAEN/UFC. E-mail: zilania@ufc.br. Telefone: (85) 3366-7751.

Lilian Lopes Ribeiro. Professora Adjunta nos cursos de Economia e Finanças da Universidade Federal do Ceará (UFC). Bolsista de Produtividade em Pesquisa da Fundação Cearense de Amparo à Pesquisa (FUNCAP). Pesquisadora do Laboratório de Pobreza (LEP) do Centro de Pós-Graduação em Economia CAEN/UFC. Pós-Doutorado em Economia pela UFC. ORCID: <http://orcid.org/0000-0001-5800-6032>. E-mail: liadiniz-21@hotmail.com.

Guaracyane Campelo. Professora Associada nos cursos de Economia e Finanças da Universidade Federal do Ceará (UFC) em Sobral. Doutorado em Economia pelo Centro de Pós-Graduação em Economia CAEN/UFC. E-mail: cyanelc@gmail.com. Orcid: <http://orcid.org/0000-0002-1962-138X>.

MOBILIDADE INTERGERACIONAL DE OCUPAÇÃO, EDUCAÇÃO E PADRÃO DE VIDA NO BRASIL

RESUMO

Esse artigo tem como objetivo investigar a mobilidade intergeracional no Brasil a partir da ocupação, educação e padrão de vida, tendo como base de dados uma amostra um pouco mais recente (2018) e ainda não utilizada para essa finalidade, disponibilizada pela WVS. Para isso, usou-se o modelo *Logit* multinomial ordenado, seguido de seus efeitos marginais, além de uma análise dos efeitos heterogêneos. Dentre os resultados, constatou-se que a variável intergeracional de educação tem um efeito superior ao da ocupação na elevação do padrão de vida dos indivíduos. Observou-se também que filhos de pais com condições socioeconômicas mais elevadas são propensos a manterem, ou terem, níveis de padrão de vida mais elevados em relação ao de seus genitores, dificultando dessa forma a mobilidade ascendente de renda entre os mais pobres e, conseqüentemente, a redistribuição de renda no país.

Palavras - chave: Mobilidade Intergeracional; Padrão de Vida; Educação.

ABSTRACT

This article aims to investigate intergenerational mobility in Brazil based on occupation, education and standard of living, using as a database a slightly more recent sample (2018) and not yet used for this purpose, made available by WVS. For this, the ordered multinomial Logit model was used, followed by its marginal effects, in addition to an analysis of heterogeneous effects. Among the results, it was found that the intergenerational variable of education has a greater effect than occupation in raising the standard of living of individuals. It was also observed that children of parents with higher socioeconomic conditions are likely to maintain, or have, higher levels of standard of living in relation to that of their parents, thus hindering upward mobility of income among the poorest and, consequently, the redistribution of income in the country.

Keywords: Intergenerational Mobility; Life Standard; Education.

Classificação JEL: J62.

1 INTRODUÇÃO

A economia brasileira ao longo da história tem sido marcada por elevados e persistentes níveis de desigualdade no processo de distribuição de renda. De acordo com o Relatório sobre as Desigualdades Mundiais (2022), a disparidade de renda no Brasil tem sido notável por sua intensidade, colocando-o entre os países mais desiguais do mundo.

Segundo a pesquisa "O elevador social está quebrado? Como promover mobilidade social", levaria aproximadamente nove gerações para que os filhos de um brasileiro que se encontra entre os 10% mais pobres atingissem o nível médio de renda do país. Essa mesma estimativa é aplicável à África do Sul e é apenas superada pela Colômbia, onde esse período de ascensão levaria 11 gerações (Relatório OCDE, 2018).

A mobilidade intergeracional socioeconômica diz respeito à conexão entre o *status* socioeconômico dos pais e a posição socioeconômica de seus filhos quando atingem a idade adulta. Essa análise mede como a posição socioeconômica de uma geração está relacionada à posição socioeconômica de seus progenitores (Tejeda et al. 2015).

Na literatura, a mobilidade social pode ser analisada de duas maneiras: de modo intergeracional e intrageracional. Segundo Oliveira e Hoffmann (2021), no enfoque intergeracional, as análises exploram as transições, por exemplo, entre a ocupação atual de um indivíduo (destino) e a ocupação de seu pai no início de sua carreira (origem), destacando a dinâmica social entre diferentes gerações.

Já na mobilidade intrageracional, a atenção está nas mudanças alcançadas pelo indivíduo em sua própria geração, comparando sua ocupação atual (destino) com a ocupação inicial na carreira (origem) (Oliveira e Hoffmann, 2021). Os movimentos podem ser ascendentes (melhor destino que origem) ou descendentes (pior destino que origem), enquanto a permanência na posição inicial denota imobilidade. A avaliação também pode incluir mobilidade circular (trocas, substituições) e mobilidade estrutural (resultante de mudanças socioocupacionais e novas oportunidades no mercado de trabalho) (Pastore, 1979).

Na tentativa de compreender melhor esse fenômeno social, alguns autores buscaram estudar a mobilidade intergeracional no Brasil usando dados da PNAD de 1996 e 2014. Dentre os mais recentes, tem-se um estudo conduzido por Britto, et al. (2022) sobre a mobilidade intergeracional de renda. No que tange à mobilidade educacional, o de Garcias, Kassouf (2021) e Weide et al., (2021). Já em relação a mobilidade sócio-ocupacional, vale destacar o trabalho de Oliveira (2018).

Isso posto, esse artigo busca contribuir com a literatura já existente ao investigar a relação entre a mobilidade intergeracional de ocupação, educação e de padrão de vida no Brasil inovando ao analisar a influência das variáveis ocupacionais e educacionais na renda (representada pelo padrão de vida) dos filhos em relação a de seus pais e usando uma base de dados até então não utilizada e um pouco mais recente comparada à de estudos já realizados, disponibilizada pela *World Values Survey* (WVS) para o ano de 2018.

Sendo assim, o objetivo geral deste trabalho é investigar o comportamento da mobilidade intergeracional de ocupação, educação e padrão de vida dos brasileiros. As questões centrais que orientam esta pesquisa são: i) Filhos que passaram para um estrato ocupacional melhor que o de seus pais melhoram o padrão de vida? ii) Em relação ao nível educacional, filhos que melhoram o nível educacional comparado a seus pais melhoraram o padrão de vida? iii) Qual efeito dessas mobilidades educacionais e ocupacionais sobre o padrão de vida comparadas as de seus pais?

Para tanto utilizou-se o modelo *Logit* multinomial ordenado de forma a capturar a mudança intergeracional no padrão de vida dos filhos, considerando as mobilidades intergeracionais de ocupação e educação, além de outros fatores que podem afetar esta variável. Uma análise de efeitos heterogêneos também foi realizada.

A importância de estudos sobre mobilidade social se justifica pela elevada taxa de pobreza no país e o impacto que esta tem na sociedade como um todo. Abordar as questões relacionadas a essa mobilidade é essencial para promover a equidade, melhorar a eficácia das políticas públicas e oferecer oportunidades mais igualitárias para as gerações presentes e futuras.

Esse artigo está estruturado em quatro seções, além desta introdução. A segunda seção apresenta uma revisão de estudos sobre a mobilidade intergeracional ocupacional, educação e de renda, em níveis internacionais e nacionais; a terceira apresenta os procedimentos metodológicos adotados para o alcance dos objetivos propostos; a quarta apresenta as análises e discussões dos dados, e por último, apresenta-se as considerações finais do trabalho.

2 EVIDÊNCIAS EMPÍRICAS DE MOBILIDADE INTERGERACIONAL

Essa seção apresenta os resultados de alguns estudos empíricos recentes sobre a mobilidade de rendimento, de educação e ocupação no Brasil e em outros países. Os trabalhos realizados para o Brasil foram feitos, em sua grande maioria, usando o suplemento intergeracional da Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios - (PNAD) do ano de 2014. Além de serem dedicados, predominantemente, a análise de mobilidade de renda e educação.

2.1 De Renda e de Educação

Iniciando a apresentação das evidências empíricas quanto a mobilidade de renda e educação internacional, tem-se o trabalho de Weide et al. (2021). Esses autores analisaram a mobilidade intergeracional da educação em 153 países. As estimativas realizadas revelaram que a mobilidade relativa é mais acentuada em nações mais pobres em comparação com as mais ricas. Isso porque nos países mais pobres os pais tendem a ter um baixo grau de escolaridade. À medida que os países aumentam o nível educacional, as disparidades entre os pais de diferentes classes sociais tornam-se mais evidentes, implicando em um elevado nível de mobilidade relativa.

Uma pesquisa conduzida por Britto, et al. (2022) sobre a mobilidade intergeracional de renda no Brasil, utilizando dados diversos como a PNAD e o Cadastro Único de programas sociais, revelou uma forte correlação no Brasil entre o nível de renda dos filhos e o dos pais. No quintil mais pobre, 46,1% dos filhos têm alta probabilidade de permanecer na mesma situação de pobreza dos pais, enquanto apenas 2,5% têm a chance de ascender ao topo social em uma única geração. Já no quintil mais rico, 48,5% dos filhos tendem a manter-se ricos, e apenas 4% enfrentam a possibilidade de descer para a base da pirâmide social. Isso mostra a baixa mobilidade de renda no Brasil.

Já Cruz (2021), apresentou resultados sobre a evolução da transmissão de renda entre 1996 e 2014 para o Brasil, utilizando dados da PNAD e focando na relação entre a renda dos pais e dos filhos homens. O estudo revelou que apesar do aumento notável da mobilidade estrutural e da redução da desigualdade educacional e de rendimentos do trabalho, a elasticidade intergeracional da renda para os homens caiu de 0.7560 em 1996 para 0.5292 em 2014. Mesmo assim, os números de 2014 colocam o Brasil atrás de países desenvolvidos, incluindo aqueles com menor mobilidade, como os Estados Unidos.

Ampliando o escopo de investigação, Andrade e Cruz (2023), a partir de dados da PNAD de 1989 e 2014, incluíram a renda das mães na análise. Os resultados apontaram que o grau de mobilidade de renda entre pais e filhos é mais pronunciado do que entre mães e filhos,

com coeficientes de 0,56 (filho e pai), 0,60 (filha e pai), 0,48 (filho e mãe) e 0,27 (filha e mãe). O estudo sugere que essa disparidade na mobilidade se deve às persistentes desigualdades salariais entre homens e mulheres no Brasil.

Araújo e Siqueira (2022) investigaram a mobilidade intergeracional com destaque na educação, usando dados da PNAD 2014 e comparando com resultados de 1996. Os resultados sugerem que houve um aumento no grau de mobilidade intergeracional educacional caracterizado por uma redução da persistência educacional dos pais com baixa escolaridade e aumento da persistência dos pais com mais escolaridade.

Corroborando com os estudos anteriores e utilizando também a base de dados da PNAD 2014, além da PNAD 2019, Gomes (2021) observou que o nível educacional dos pais exerce influência sobre a instrução dos filhos, propiciando um potencial "ciclo vicioso da ignorância" quando os pais possuem baixa instrução e os filhos seguem essa trajetória educacional. Esse fenômeno é mais pronunciado entre os indivíduos economicamente desfavorecidos.

O impacto da herança ocupacional sobre os salários dos filhos é mais acentuado no menor estrato salarial, fortalecendo a "armadilha da pobreza", acrescenta Gomes (2021). Além disso, jovens economicamente desprivilegiados muitas vezes enfrentam o dilema entre contribuir para a renda familiar, seguindo os passos dos pais, ou continuar seus estudos. Isso resulta na interrupção da formação acadêmica, levando-os a ingressar precocemente no mercado de trabalho em ocupações secundárias com menor remuneração, perpetuando um "ciclo vicioso da pobreza".

2.2 De Ocupação

Outro fator que pode impactar na mobilidade intergeracional da renda, além da mobilidade em educação, é a mobilidade intergeracional de ocupações. Doruk et al (2020) investigaram a transmissão intergeracional ocupacional em seis economias latino-americanas negligenciadas: o Brasil, Costa Rica, Equador, México, Panamá e Porto Rico. Concluiu-se que em todos esses países há uma alta transmissão ocupacional do pai para o filho, especialmente relacionada a empregos de baixa qualificação. Essa constatação reforça o baixo nível de mobilidade social característico da América Latina, o que, por sua vez, contribui para explicar sua taxa de crescimento reduzida.

Anthony e Yizhang (2019) investigaram as características específicas de sociedades em desenvolvimento, voltadas para os setores agrícolas e informais. Exploraram a mobilidade absoluta e a relativa no Chile, China, Egito e Índia, destacando semelhanças e diferenças nas taxas de mobilidade e interseccionalidade de gênero. Notou-se que apesar das disparidades culturais, esses países compartilham uma tendência notável de mobilidade ascendente superando a descendente, similar ao observado em países desenvolvidos como o Reino Unido.

A pesquisa identificou ainda que as desigualdades de gênero são proeminentes, especialmente na China, Egito e Índia, com taxas de mobilidade ascendente notavelmente mais baixas para mulheres em comparação com homens. A fluidez social geralmente é mais acentuada entre os homens, embora existam exceções, como a transmissão hereditária de pequenos cargos patronais. Isso contrapõe com os países desenvolvidos, onde as desigualdades de gênero nas taxas gerais de mobilidade são menos evidentes, exceto no acesso a posições de elite.

Ribeiro (2020) investigou mudanças e permanências na persistência intergeracional de homens, mulheres, brancos e negros, utilizando um índice de *status* socioeconômico das ocupações de pais, mães, filhos e filhas. A partir de dados da Pesquisa sobre Padrões de Vida (PPV) de 1996 e da (PNAD) de 2014, o estudo destacou uma sólida correlação entre o *status* ocupacional dos pais na família de origem e àquele alcançado por filhos e filhas na idade

adulta. Essa relação variou notavelmente com base em fatores como raça, gênero e o arranjo familiar relacionado à ocupação dos pais.

Para o autor, a persistência intergeracional foi mais acentuada entre mulheres (filhas adultas) do que entre homens (filhos adultos). Ao analisar as diferenças na ocupação dos pais na família de origem, verificou-se que a associação entre origem e destino ocupacional diferiu entre brancos e negros que cresceram em famílias onde apenas a mãe tinha ocupação, comparadas a famílias onde tanto o pai quanto a mãe tinham ocupação. Importante notar que, nesse último caso, os brancos apresentaram vantagens em relação aos negros.

3 METODOLOGIA

Para analisar a mobilidade intergeracional de ocupações, educação e renda no Brasil, buscando verificar se houve melhoria no padrão de vida dos indivíduos em relação ao de seus pais, utilizou-se os dados disponibilizados pela WVS para o ano de 2018. A WVS é uma rede internacional de cientistas sociais que por mais de três décadas coleta dados sobre aspectos sociocultural e econômico em quase cem nações. Seu objetivo é auxiliar tanto pesquisadores, quanto formuladores de políticas a compreender as transformações nas crenças, nos valores e nas motivações das pessoas.

Com o propósito de atender o objetivo do estudo, optou-se por uma estrutura metodológica a partir da formulação de um modelo econométrico de escolha discreta policotômica ordenado. O modelo é especificado a partir de uma relação linear entre uma variável latente contínua Y e um vetor de regressores, o qual assume a seguinte forma geral:

$$Y = \sum_{i=1}^k \beta_i X_i + \varepsilon = \beta' X + \varepsilon (1)$$

Onde Y representa a mobilidade intergeracional do padrão de vida dos filhos com base na seguinte pergunta: “Comparando seu padrão de vida com o padrão de vida de seus pais quando eles tinham mais ou menos a sua idade, você diria que está melhor, pior ou o mesmo?”. Assim, a variável assume os seguintes valores:

$$Y = \begin{cases} 1, & \text{se o padrão de vida piorou} \\ 2, & \text{se o padrão de vida permaneceu} \\ 3, & \text{se o padrão de vida melhorou} \end{cases} (2)$$

Sendo β um vetor de parâmetros; X , um vetor de variáveis explicativas e ε o erro aleatório. Dentre as variáveis que compõem o vetor X , tem-se àquelas que buscam captar a mobilidades intergeracionais de ocupação e de educação dos filhos.

Dessa forma, este modelo possibilita estimar probabilidades de Y assumir os valores 1, 2 e 3, com base na hipótese da distribuição logística, as quais são dadas por:

$$Pr(Y=1) = Pr(\beta' X + \varepsilon \leq \theta_1) = Pr(\varepsilon \leq \theta_1 - \beta' X) = \Gamma(\theta_1 - \beta' X) = \frac{1}{1 + e^{(\beta' X - \theta_1)}} (3)$$

$$Pr(Y=2) = Pr(\theta_1 - \beta' X < \varepsilon \leq \theta_2 - \beta' X) = \frac{1}{1 + e^{(\beta' X - \theta_2)}} - \frac{1}{1 + e^{(\beta' X - \theta_1)}} (4)$$

$$Pr(Y=3) = Pr(\beta' X + \varepsilon > \theta_2) = Pr(\varepsilon > \theta_2 - \beta' X) = 1 - \Gamma(\theta_2 - \beta' X) = 1 - \frac{1}{1 + e^{(\beta' X - \theta_2)}} (5)$$

Os efeitos marginais das variáveis, que tem como finalidade fornecer os impactos sobre a probabilidade Y assumir os três níveis de mobilidade intergeracional, são calculados como seguem:

$$\frac{\partial Pr(Y=1)}{\partial x} = \frac{d}{d\beta'x} [\Gamma(\theta_1 - \beta'x)] \frac{\partial \beta'x}{\partial x} = -\Gamma(\theta_1 - \beta'x) \beta(6)$$

$$\frac{\partial Pr(Y=2)}{\partial x} = \frac{d}{d\beta'x} [\Gamma(\theta_2 - \beta'x) - \Gamma(\theta_1 - \beta'x)] \frac{\partial \beta'x}{\partial x} = [\Gamma(\theta_2 - \beta'x) - \Gamma(\theta_1 - \beta'x)] \beta(7)$$

$$\frac{\partial Pr(Y=3)}{\partial x} = \frac{d}{d\beta'x} [1 - \Gamma(\theta_2 - \beta'x)] \frac{\partial \beta'x}{\partial x} = \Gamma(\theta_2 - \beta'x) \beta(8)$$

Uma vez que a variável que denota a mobilidade intergeracional na ocupação e na educação é discreta do tipo binária (ver Quadro 2), o tratamento ao efeito marginal é diferenciado das variáveis contínuas, podendo ser expresso por Efeito Marginal:

$$Prob\left[\frac{Y=j}{X}; D=1\right] - Prob\left[\frac{Y}{X}; D=0\right], j=1,2,3 (9)$$

Em que X denota os valores predeterminados de todas as variáveis no modelo, os quais são especificados em suas médias. Este efeito mede a mudança na probabilidade prevista.

Para construir a variável que representa a mobilidade intergeracional de ocupação considerou-se o procedimento utilizado por Jannuzzi (2001, 2003). Afim de reagrupar as ocupações em apenas cinco estratos sócio-ocupacionais (Quadro 1), fez-se uma adequação as classificações ocupacionais disponibilizadas na base de dados da WVS. Os indicadores de renda, escolaridade e nível de precarização ocupacional, foram organizados com base em quatro critérios: no índice socioeconômico posicional (ISEP); na ordenação das ocupações proporcionada pelos índices socioeconômicos; na tipologia de grupos ocupacionais de Valle Silva (1992) e na proposta metodológica de estratificação social, segundo grupos ocupacionais, de Goldthorpe (1992). Após a reagrupação das ocupações dos filhos e dos pais nos cinco estratos, foi criada uma variável binária capaz de identificar os filhos que passaram para um estrato superior, comparado ao de seus pais.

Quadro 1 – Estratos Ocupacionais

Estratos	Ocupações segundo Januzzi (2001, 2003)	Categorias na Base da WVS
1	Médicos, engenheiros, professores universitários, empresários, gerentes e postos superiores na administração pública (juízes, promotores, delegados, oficiais das forças armadas, etc.);	1. Profissional e técnico (por exemplo: médico, professor, engenheiro, artista); 2 Superior administrativo (por exemplo: banqueiro, executivo em grandes empresas, funcionário do governo);
2	Técnicos de contabilidade e administração, mestre e contramestres na indústria, professores de ensino fundamental e médio, corretores de imóveis, inspetores de polícia, carteiros, comerciantes	3 Escriurário (por exemplo: secretário, balconista, gerente de escritório, funcionário público, contador);

	(proprietários) e agricultores;	
3	Torneiro mecânico, montadores de equipamentos elétricos, vendedores, operadores de caixa, comerciantes conta-própria, professores de ensino pré-escolar, motoristas, inspetores de alunos, auxiliares de enfermagem, auxiliares administrativos e de escritório, policiais e praças das forças armadas;	4 Vendas (por exemplo: gerente de vendas, dono de loja, balconista, agente de seguradora, comprador); 5 Serviço (por exemplo: dono de restaurante, policial, garçom, barbeiro); 6 Trabalhador qualificado (por exemplo: capataz, mecânico de automóveis, impressor, costureira, fabricante de ferramentas e moldes, eletricitista);
4	Ocupações da indústria de alimentos, da indústria têxtil, pedreiros, pintores, garçons, vigias, porteiros, estivadores;	7 Trabalhador semiquualificado (por exemplo: pedreiro, motorista de ônibus, trabalhador de fábrica de conservas, carpinteiro, metalúrgico, padeiro);
5	Trabalhadores rurais, além das ocupações urbanas de baixo <i>status</i> , como a de serventes de pedreiro, lavadeiras, empregadas domésticas e lixeiros.	8 Trabalhador não qualificado (por exemplo: operário, porteiro, operário fabril não qualificado, limpador); 9 Trabalhador rural (por exemplo: trabalhador rural, tratorista).

Fonte: elaboração própria.

Para a mobilidade intergeracional em educação foi criada uma variável binária que identifica os filhos que melhoraram o nível educacional, considerando as seguintes categorias: 0 Educação infantil / sem educação (CITE 0); 1 Educação primária (CITE 1); 2 Ensino secundário inferior (CITE 2); 3 Ensino secundário superior (CITE 3); 4 Ensino pós-secundário não superior (CITE 4); 5 Ensino superior de ciclo curto¹ (CITE 5); 6 Bacharel ou equivalente (ISCED 6); 7 Mestrado ou equivalente (CITE 7); 8 Doutorado ou equivalente (CITE 8). O quadro abaixo apresenta as descrições das variáveis explicativas.

Quadro 2. Descrições das Variáveis Explicativas

Variáveis	Descrição
Dependente	
Mobilidade Intergeracional de Padrão	Multinomial: 1 – Piorou; 2 – Permaneceu; 3 –

1 A Organização para a Cooperação e Desenvolvimento Económico (OCDE) definiu os Ciclos Curtos do Ensino Superior como educação pós secundária de curta duração, com uma forte componente vocacional (Conselho Nacional de Educação, 2014).

de Vida	Melhorou
Explicativas	
Variáveis Intergeracionais:	
Melhor estrato ocupacional	Binária: 1 se o filho pertence a um estrato melhor comparado ao do seu pai; 0 caso contrário.
Igual estrato ocupacional	Binária: 1 se o filho permanece no mesmo estrato ocupacional comparado ao do seu pai; 0 caso contrário.
Melhor nível educacional	Binária: 1 que identifica os filhos que melhoraram o nível educacional; 0 caso contrário
Igual nível educacional	Binária: 1 se o filho permanece no mesmo nível educacional comparado ao do seu pai; 0 caso contrário.
Estratos ocupacionais dos filhos:	
Estrato 01	Binária: 1 para os filhos que possuem ocupações pertencentes ao estrato 01
Estrato 02	Binária: 1 para os filhos que possuem ocupações pertencentes ao estrato 02
Estrato 03	Binária: 1 para os filhos que possuem ocupações pertencentes ao estrato 03
Estrato 04	Binária: 1 para os filhos que possuem ocupações pertencentes ao estrato 04
Estrato 05	Binária: 1 para os filhos que possuem ocupações pertencentes ao estrato 05
Desc_sup	Binária: 1 se o indivíduo possui pelo menos o ensino superior de ciclo curto; 0 caso contrário
Sexo	Binária: 1 se o indivíduo é do sexo masculino; 0 caso contrário
Raça (brancos)	Binária: 1 se o indivíduo é de cor branca; 0 caso contrário
Casado	Binária: 1 se o indivíduo é casado; 0 caso contrário
Idade	Idade do indivíduo
Número de Filhos	Número de Filhos
Regiões:	
Norte	Binária: 1 se o indivíduo reside na região Norte; 0 caso contrário
Nordeste	Binária: 1 se o indivíduo reside na região Nordeste; 0 caso contrário
Sul	Binária: 1 se o indivíduo reside na região Sul; 0 caso contrário
Sudeste	Binária: 1 se o indivíduo reside na região Sudeste; 0 caso contrário
Centro-Oeste	Binária: 1 se o indivíduo reside na região Centro-Oeste; 0 caso contrário

Fonte: Elaboração Própria.

Como pôde ser observado no Quadro 2, a amostra foi constituída a partir de características sociais, econômicas e demográficas dos indivíduos, cujas estatísticas descritivas das variáveis utilizadas no modelo encontram-se nas tabelas apresentadas na próxima seção. Optou-se por considerar indivíduos entre 15 e 65 anos de idade por considerar esta uma faixa etária economicamente ativa. Foram excluídos da amostra, indivíduos que nunca tiveram emprego e também os proprietários de fazenda.

4 RESULTADOS

Esta seção apresenta inicialmente os resultados e análise das estatísticas descritivas: características das variáveis intergeracionais e socioeconômicas dos indivíduos da amostra com base nas variáveis controle e por mobilidade intergeracional, bem como o nível do padrão de vida por mobilidade intergeracional de ocupação e educação. Em seguida, tem-se os resultados das estimações do modelo *Logit* ordenado e seus efeitos marginais, considerando a robustez e os efeitos heterogêneos.

4.1 Estatísticas Descritivas

As características das variáveis intergeracionais de ocupação, educação e padrão de vida são apresentadas na Tabela 1. Observa-se que 11,16% dos indivíduos da amostra pioraram o seu padrão de vida em relação ao de seus pais, enquanto 19,02% permaneceram na mesma posição e 69,82% melhoraram.

No que se refere à ocupação, 40,79% dos entrevistados melhoraram de estrato ocupacional, ou seja, experimentaram a mobilidade ocupacional ascendente. Sendo que 44,38% permaneceram no mesmo estrato que o de seus pais. Assim, é possível perceber que mais de 80% dos indivíduos permaneceram ou migraram para estratos superior ao de seus pais. Logo, menos de 20% descenderam.

Em relação ao nível educacional pode-se observar que, aproximadamente 97% dos indivíduos permaneceram ou melhoraram o nível educacional comparado ao nível de seus pais, já que 72% possuem o mesmo nível e 25% passaram para um nível mais elevado. Portanto, apenas 3% pioraram.

Tabela 1 – Características das Variáveis Intergeracionais

Variáveis	Proporção (%)
Padrão de vida	
Pioraram	11,16
Permaneceram	19,02
Melhoraram	69,82
Intergeracional de Ocupações	
Igual estrato ocupacional	44,38
Melhor estrato ocupacional	40,79
Intergeracional de educação	
Igual nível educacional	71,77
Melhor nível educacional	25,15

Fonte: Elaboração própria.

Analisando as características socioeconômicas por mobilidade intergeracional do padrão de vida dos indivíduos, Tabela 2, nota-se que entre os indivíduos que melhoraram o padrão de vida, 42,75% também melhoraram o seu estrato ocupacional e 45,26% permaneceram no mesmo estrato, se comparado com o estrato de seus pais. Logo, 88% dos

filhos que melhoraram o padrão de vida estavam na mesma ou em melhor ocupação que seus pais quando tinham sua idade.

No que diz respeito à educação, dentre os que melhoraram o padrão de vida, 74,69% melhoraram também o seu nível educacional e 25,46% permaneceram no mesmo nível que de seus pais. Dentre os que permaneceram no mesmo padrão de vida, 62,39% alcançaram o melhor nível educacional. Cabe destacar que, dentre os indivíduos que pioraram as condições de vida, quase 80% melhoraram o nível educacional comparado ao de seus pais. Todavia, esta análise não considera a condição inicial de educação dos pais, ou seja, é possível que dentre os que pioraram, o nível educacional dos pais seja muito baixo e que mesmo uma pequena melhora na educação do filho não tenha sido o suficiente para mudar suas condições socioeconômicas.

Sobre os estratos ocupacionais, considerando os indivíduos que melhoraram o padrão de vida, 13,9% estão em ocupações pertencentes ao estrato 1, ou seja, ocupações com maiores rendimentos e que exigem maior nível educacional e 14% pertencem ao estrato 2. No estrato 3 se encontra a maioria desses indivíduos (39% do total) e nos estratos inferiores, 4 e 5, tem-se 11,64% e 21% de indivíduos, na devida ordem.

Com relação as variáveis sociodemográficas, uma ligeira maioria dos que melhoraram o padrão de vida são homens, 51,21%, e pouco menos da metade são brancos, 46,93%. Para a variável idade, para os três níveis de padrão de vida percebe-se uma semelhança na idade média, que é de 40 anos. Quanto ao estado civil, 86,32% dos que pioraram o padrão de vida são casados, em contrapartida, dentre os que melhoraram 94,78% são casados. E para as três situações de padrão de vida, melhor, igual e pior, tem-se uma média de 2 filhos.

Sobre as variáveis de regiões, percebe-se na tabela abaixo que na região Sudeste concentra-se as maiores proporções tanto de indivíduos que melhoraram o padrão de vida intergeracional, quanto daqueles que pioram, 34,99 e 55,23%, respectivamente.

Tabela 2 - Características Socioeconômica dos Indivíduos por Mobilidade Intergeracional do Padrão de Vida

Variáveis	Padrão de vida		
	Pior	Igual	Melhor
Melhor estrato ocupacional	30,75%	39,49%	42,75%
Igual estrato ocupacional	48,36%	38,84%	45,26%
Melhor nível educacional	79,97%	62,39%	74,69%
Igual nível educacional	13,23%	31,01%	25,46%
Estrato ocupações dos indivíduos			
Estrato 1	11,43%	12,02%	13,90%
Estrato 2	16,08%	18,63%	14,00%
Estrato 3	39,91%	45,5%	39,02%
Estrato 4	13,73%	13,13%	11,64%
Estrato 5	18,84%	10,72%	21,44%
Desc_sup	23,22%	22,24%	16,41%
Sexo_masc	49,97%	55,57%	51,21%
Raça_Branco	39,61%	38,08%	46,93%
Idade	40,54	39,84	41,10
Casado	86,32%	93,25%	94,78%
Número de Filhos	1,85	1,76	1,81

Regiões

Norte	7,08 %	6,99%	2,50%
Nordeste	15,12%	16,55%	28,91%
Sul	8,87%	18,32%	24,34%
Sudeste	55,23%	47,28%	34,99%
Centro-Oeste	13,67%	10,84%	24,34%

Fonte: Elaboração Própria.

A partir das informações extraídas da Tabela 3, que mostra o nível do padrão de vida considerando as variáveis intergeracionais de ocupação e educação, nota-se 73,17% dos filhos que melhoraram o seu estrato ocupacional em relação ao de seus pais, também melhoraram o seu padrão de vida. Por outro lado, cerca de 18% permaneceram no mesmo padrão de vida e apenas 8,41% pioraram, mesmo tendo acendido de ocupação de modo intergeracional. Já para quem permaneceu no mesmo estrato ocupacional que o de seus pais, 71,19% melhoraram o padrão de vida, 16,65% permaneceram com padrão de vida inalterado e 12,16% pioraram. Entre àqueles que pioraram de estrato ocupacional, 15,72% deles também pioraram de padrão de vida, 27,80% permaneceram com o mesmo padrão de seus pais e 56,47% melhoraram.

Para a variável de mobilidade intergeracional de educação, percebe-se que 71,03% de quem melhorou de nível educacional também melhorou o padrão de vida, enquanto 12,44% piorou. Para quem piorou o nível educacional, 40,77% permaneceram no mesmo padrão de vida que seus pais, 34,58% melhoraram e 24,65% pioraram.

Tabela 3 – Nível de Padrão de Vida por Mobilidade Intergeracional de Ocupação e Educação

Variáveis condicionais	Padrão de vida		
	Pior	Igual	Melhor
Melhor estrato ocupacional	8,41%	18,42%	73,17%
Igual estrato ocupacional	12,16%	16,65%	71,19%
Pior estrato ocupacional	15,72%	27,80%	56,47%
Melhor nível educacional	12,44%	16,54%	71,03%
Igual nível educacional	5,87%	23,45%	70,68%
Pior nível educacional	24,65%	40,77%	34,58%

Fonte: Elaboração Própria.

Percebe-se, portanto, uma relação direta entre melhoria no estrato ocupacional e melhoria do nível de educação com um aumento do nível de padrão de vida dos filhos se comparados com o de seus pais. Essa evidência converge com os resultados de Araújo e Siqueira (2022) que a partir de um estudo usando dados da PNAD 1996 e 2014, perceberam que a transmissão intergeracional da educação tem um papel importante sobre a mobilidade e, conseqüentemente, sobre a desigualdade de renda.

4. 2 Estimação do Modelo Econométrico

Os resultados da estimativa dos modelos usando o *Logit* ordenado estão apresentados na Tabela 4. Optou-se por estimar três modelos considerando inicialmente apenas as variáveis intergeracionais de ocupações (modelo 1), em seguida, foram incluídas as variáveis intergeracionais de educação (modelo 2) e por fim, foram inseridas todas as variáveis descritas no Quadro 2 da seção anterior. Os coeficientes foram estimados de forma robusta, indicando que a matriz de variância-covariância foi ajustada com base no erro da regressão robusto.

Observa-se que a estimativa da variável que indica se o filho está inserido em estrato ocupacional melhor do que o de seus pais permanece significativa nos três modelos, indicando que esta se mostra robusta à inserção de outras variáveis. No entanto, a variável que representa a igualdade intergeracional de ocupação passou a ser insignificante no modelo 3. Referente às variáveis de mobilidade educacional, constata-se que estas permanecem significantes nos modelos nas quais elas foram inseridas, mostrando assim, a importância da presença destas variáveis na estimação de um modelo intergeracional de padrão de vida.

Tabela 4– Resultado da Estimação do *Logit* Ordenado

Variáveis	Modelo 1	Modelo 2	Modelo 3
Interocup_melhor	0,7193*** (0,3033)	0,6461** (0,3158)	0,5845* (0,3203)
Interocup_igual	0,5818*** (0,3026)	0,5078* (0,3125)	0,4601 (0,3191)
Intereduc_melhor		1,1207** (0,5139)	1,1541** (0,5026)
Intereduc_igual		1,2459** (0,5300)	1,4500*** (0,5127)
Esc_sup			-0,5127* (0,3019)
Sexo (Masc)			-0,2150 (0,2372)
Casado			0,8708* (0,4512)
Branco			0,2532 (0,2393)
Idade			0,0064 (0,0101)
Num_filhos			-0,0532 (0,0958)
NE			1,4983*** (0,6122)
CO			0,8239 (0,6122)
SE			0,4673 (0,5024)
SUL			1,3638** (0,5609)

Fonte: Elaboração própria.

Nota: (1) Modelo 1: inclui apenas as variáveis intergeracional de ocupação; Modelo 2: Acrescenta as variáveis intergeracional de educação; Modelo 3: Modelo completo com todos os controles. (2) Os desvio-padrão estão entre parêntese; (3) *** p-valor < 0,01, ** p-valor <0,05, * p-valor<0,1.

Referente às demais variáveis de controle, apenas as variáveis que indicam se o indivíduo é casado, se possui pelo menos o ensino superior de ciclo curto e se mora nas regiões Nordeste e Sul foram estatisticamente significantes. A significância da regressão foi confirmada pelo teste de Wald, evidenciado pela estatística Qui-quadrado, cujo nível de significância foi um valor-p próximo a zero, rejeitando a hipótese de que todos os coeficientes da regressão sejam iguais a zero. Os sinais dos coeficientes estão em conformidade com as expectativas teóricas, destacando-se o efeito positivo das variáveis intergeracionais de ocupação e educação sobre a probabilidade dos indivíduos melhorarem seu padrão de vida em relação ao de seus pais.

4.2.1 Robustez

Esta seção foi elaborada para testar a robustez dos resultados, ou seja, buscou-se elaborar outras estimações para analisar se os resultados são sensíveis ao tipo de modelo escolhido. Nesses termos, a Tabela 5 apresenta os resultados do modelo estimado por Mínimos Quadrados Ordinários (MQO). Observa-se que a significância dos coeficientes foi mantida em relação ao modelo geral apresentado na Tabela 5, corroborando o efeito positivo das variáveis intergeracionais de ocupação e educação sobre a probabilidade de os indivíduos melhorarem seu padrão de vida comparado ao de seus pais. Dessa forma, a significância dos resultados apresenta-se robusta ao tipo de modelo estimado.

Tabela 5 – Estimação do Modelo por Mínimos Quadrados Ordinário Robusto

Variáveis	Modelo 1	Modelo 2	Modelo 3
Interocup_melhor	0.2401* (0.1108)	0.2282** (0.1135)	0.2043 * (0.1100)
Interocup_igual	0.1828 (0.1126)	0.1687 (0.1142)	0.1517 (0.1118)
Intereduc_melhor		0.4382 * (0.2358)	0.4402 ** (0.2169)
Intereduc_igual		0.5199** (0.2383)	0.5622** (0.2185)
Desc_sup			-0.1541 (0.0995)
Sexo (Masc)			-0.0488 (0.0712)
Casado			0.3043* (0.1612)
Branco			0.0749 (0.0714)
Idade			0.0010 (0.0029)
Num_filhos			-0.0141 (0.0293)
NE			0.4807 ** (0.2132)
CO			0.2946 (0.2408)
SE			0.1968 (0.2121)

SUL			0.4677 *** (0.2176)
Constante	2.4074 (0.0991)	1.9732 (0.2319)	1.3679 (0.3275)

Fonte: Elaboração própria.

Nota: (1) Modelo 1: inclui apenas as variáveis intergeracional de ocupação; Modelo 2: Acrescenta as variáveis intergeracional de educação; Modelo 3: Modelo completo com todos os controles. (2) Os desvio-padrão estão entre parêntese; (3) *** p-valor < 0,01, ** p-valor <0,05, * p-valor<0,1.

Para estimação dos efeitos marginais, considerou-se o modelo completo (modelo 3), cujos resultados das variáveis explicativas sobre a probabilidade do indivíduo se enquadrar nos três níveis intergeracionais de padrão de vida estão expressos na Tabela 6.

Conforme antecipado, a probabilidade de o indivíduo melhorar o padrão de vida confrontado ao de seus pais aumenta com a melhoria dos estratos ocupacionais. Em outras palavras, ocupar postos de trabalhos diferenciados e que pertencem a estratos mais conceituados ao de seus pais têm o efeito de melhorar as condições de vida dos filhos. Assim, esta variável reduz a probabilidade do indivíduo piorar o seu padrão de vida em, aproximadamente, 5 pontos percentuais e aumenta a probabilidade de melhorar de vida em 11,6 p.p.. Já para os indivíduos que permanecem no mesmo estrato ocupacional que de seus pais, a probabilidade de melhorar as condições de vida aumenta em 9 p.p.

Para a variável educação, os filhos com melhor nível educacional que de seus genitores aumentam a probabilidade de melhorar o padrão de vida em 25 p.p. e reduz a probabilidade de piorar em 12 p.p.. Essa evidência corrobora com os achados de Carrera et al. (2018); Becker et al., (2018); Garcias e Kassouf (2021) e Weide et al. (2021), ao concluírem que o aumento dos anos de escolaridade pode melhorar a mobilidade intergeracional de rendimentos e, conseqüentemente, melhorar a estrutura interna da distribuição de renda, promovendo assim a mobilidade dos estratos sociais.

Analisando as variáveis de controle, se o indivíduo for casado a probabilidade em melhorar o padrão de vida aumenta em 20 p.p. Já para os indivíduos que moram da Região Nordeste e Sul, a chance em elevar o nível do padrão de vida aumenta em 25,26 p.p. e 22,83 p.p. respectivamente, e a probabilidade de piorar reduz em 10p.p. e 9p.p. na devida ordem.

Tabela 6 - Efeitos Marginais a Partir do Modelo Completo

Variáveis	$\frac{\partial Pr(Y=1)}{\partial x}$	$\frac{\partial Pr(Y=2)}{\partial x}$	$\frac{\partial Pr(Y=3)}{\partial x}$
Interocup_melhor	-0,0483* (0,0264)	-0,0678* (0,0363)	0,1161 * (0,0616)
Interocup_igual	-0,0388 (0,0267)	-0,0538 (0,0371)	0,0926 (0,0631)
Intereduc_melhor	-0,1230* (0,0652)	-0,1308** (0,0519)	0,2538 ** (0,1141)
Intereduc_igual	-0,0968*** (0,0297)	-0,1495*** (0,04419)	0,2463*** (0,0698)
Desc_sup	0,0502 (0,0336)	0,0608* (0,0359)	-0,1111 (0,0686)
Sexo (Masc)	0,0184	0,0253	-0,0437

	(0,0202)	(0,0282)	(0,0482)
Casado	-0,1011	-0,0990 **	0,2002*
	(0,0679)	(0,0452)	(0,1109)
Branco	-0,0215	-0,0298	0,0513
	(0,0201)	(0,0282)	(0,0480)
Idade	-0,0005	-0,0007	0,0013
	(0,0008)	(0,0012)	(0,0020)
Num_filhos	0,0045	0,0062	- 0,0108
	(0,0082)	(0,0113)	(0,0195)
NE	-0,0992***	-0,1534 ***	0,2526***
	(0,0307)	(0,0476)	(0,0743)
CO	-0,0545*	-0,0881	0,1427*
	(0,0307)	(0,0571)	(0,0867)
SE	-0,0386	-0,0544	0,0931
	(0,0406)	(0,0574)	(0,0977)
SUL	-0,0883***	-0,1399***	0,2283 ***
	(0,0300)	(0,0474)	(0,0741)

Fonte: Elaboração Própria.

Nota: *** p-valor < 0,01, ** p-valor <0,05, * p-valor<0,1.

Portanto, percebe-se que o efeito intergeracional de educação sobre a renda (padrão de vida) é superior ao intergeracional resultante da ocupação. Para Britto et al. (2022), a educação é uma variável central na determinação da renda futura das crianças. Autores como Carrera et al. (2018); Becker et al. (2018); Garcias e Kassouf (2021); Weide et al. (2021) ressaltam que a mobilidade de renda intergeracional está endogenamente ligada à educação.

4.3 Efeitos Heterogêneos

A importância de elaborar uma análise de efeitos heterogêneos é verificar se os resultados para grupos específicos permanecem ou diferem comparados ao modelo geral com toda a amostra. Neste caso, optou-se por considerar duas análises partindo da condição inicial dos pais: uma referente aos estratos de ocupação e outra em relação aos níveis educacionais.

Assim, a Tabela 7 apresenta os efeitos marginais das variáveis para dois grupos de indivíduos: pessoas cujos pais pertenciam aos estratos 1 ou 2 (grupo 1) e indivíduos cujos pais pertenciam aos estratos 4 ou 5 (grupo 2). Para os filhos cujos pais estavam inseridos nos estratos 1 ou 2 e que melhoraram de estrato ocupacional, a probabilidade de melhorar o padrão de vida aumenta em 18 p.p. e as chances de piorar reduzem em torno de 3p.p.. Já para o grupo 2, mesmo para os filhos que melhoraram o seu nível ocupacional, o efeito não foi significativo.

Com relação a educação e considerando o grupo 1, àqueles indivíduos que melhoraram o seu nível educacional, aumentaram também a probabilidade em elevar o padrão de vida em 46,37 p.p.. Já para o grupo 2, os resultados não foram significantes.

Assim, pode-se dizer que os feitos heterogêneos estão alinhados com o modelo geral, ratificando que o efeito da variável intergeracional de educação na melhoria do padrão de vida dos indivíduos é superior ao da variável de ocupação.

De acordo com Arrais et al. (2020) há uma forte dependência de renda entre pais e filhos no Brasil, evidenciando uma forte transmissão de uma geração para outra. Logo, filhos

de pais mais ricos têm maiores oportunidades de acesso à educação, o que se traduz em salários mais altos e, por conseguinte, uma concentração de renda mais elevada.

Tabela 7 – Efeitos Marginais – Condição Inicial dos Pais por Estratos de Ocupações

Variáveis	Grupo 1 : Pais que pertenciam aos Estratos 1 ou 2			Grupo 2 : Pais que pertenciam aos Estratos 4 ou 5		
	$\frac{\partial Pr(Y=1)}{\partial x}$	$\frac{\partial Pr(Y=2)}{\partial x}$	$\frac{\partial Pr(Y=3)}{\partial x}$	$\frac{\partial Pr(Y=1)}{\partial x}$	$\frac{\partial Pr(Y=2)}{\partial x}$	$\frac{\partial Pr(Y=3)}{\partial x}$
	Interocup _melhor	-0.0340 *	-0.1468 **	0.1808 **	0.0428	0.0735
Interocup _igual	(0.0202)	(0.0747)	(0.0869)	(0.0486)	(0.0806)	(0.1281)
Intereduc_ melhor	-0.0270	-0.0970	0.1241	0.0300	0.0482	-0.0783
Intereduc_ igual	(0.0265)	(0.0889)	(0.1121)	(0.0656)	(0.0976)	(0.1629)
Desc_sup	-0.1279	-0.3357 **	0.4637 *	-0.0517	-0.0775	0.1292
Sexo (Masc)	(0.1130)	(0.1695)	(0.2633)	(0.1112)	(0.1437)	(0.2542)
Casado	-0.1516	-0.3778 ***	0.5294 **	-0.0565	-0.1045	0.1610
	(0.1106)	(0.1388)	(0.2205)	(0.0572)	(0.1045)	(0.1601)
	0.0506	0.1685	-0.2191 *	-0.0001	-0.0003	0.0005
	(0.0306)	(0.1053)	(0.1274)	(0.0347)	(0.0585)	(0.0932)
	0.0213	0.0776	-0.0990	0.0286	0.0477	-0.0763
	(0.0248)	(0.0986)	(0.1215)	(0.0238)	(0.0404)	(0.0632)
	0.1078 **	0.3549 ***	-0.4628 ***	-0.1487	-0.1515 ***	0.3003 **
	(0.0484)	(0.0668)	(0.0691)	(0.0915)	(0.0564)	(0.1389)
	0.0232	0.0831	-0.1064	-0.0086	-0.0145	0.0232
	(0.0262)	(0.0972)	(0.1212)	0.0235	(0.0399)	(0.0634)
	-0.0013	-0.0050	0.0064	0.0004	0.0008	-0.0013
	(0.0014)	(0.0050)	(0.0063)	(0.0010)	(0.0017)	(0.0028)
	-0.0092	-0.0334	0.0426	0.0121	0.0205	-0.0327
	(0.0157)	(0.0558)	(0.0709)	(0.0107)	(0.0191)	(0.0294)
	-0.0404	-0.1653 *	0.2058 *	-0.1015 **	-0.1760 **	0.2776 *
	(0.0255)	(0.0993)	(0.1166)	(0.0516)	(0.0788)	(0.1240)
	-0.0529 **	-0.2115 ***	0.2645**	-0.0343	-0.0642	0.0985
	(0.0251)	(0.0774)	(0.0864)	(0.0458)	(0.0931)	(0.1382)
	0.0148	0.0523	-0.0672	-0.0757	-0.1300	0.2058
	(0.0392)	(0.1292)	(0.1677)	(0.0582)	(0.0918)	(0.1469)
	-0.0490 **	-0.2016 ***	0.2506 ***	-0.0712	-0.1322 *	0.2034 *
	(0.0207)	(0.0757)	(0.0805)	(0.0462)	(0.0791)	(0.1219)

Fonte: Elaboração própria.

Nota: *** p-valor < 0,01, ** p-valor <0,05, * p-valor<0,1.

Na Tabela 8 optou-se por considerar duas análises partindo da condição inicial dos pais referentes aos níveis educacionais. Assim, é apresentado os efeitos marginais das variáveis para dois grupos de indivíduos: Grupo 1 - pessoas cujos pais tinham pelo menos o ensino superior de ciclo curto. Grupo 2 - pessoas cujos pais não possuíam pelo menos o ensino superior de ciclo curto. Para o grupo 1, as variáveis intergeracionais de ocupação não apresentaram efeitos significativos. Já para o grupo 2, mudar a ocupação para um estrato superior ao de seu genitor, eleva a probabilidade de melhorar as condições de vida em, aproximadamente, 12 p.p.

Tabela 8 – Efeitos Marginais – Nível Educacional dos Pais

	Grupo 1: Pelo menos o ensino superior de ciclo curto	Grupo 2: Não possui pelo menos o ensino superior de ciclo curto
--	---	--

Variáveis	$\frac{\partial Pr(Y=1)}{\partial x}$	$\frac{\partial Pr(Y=2)}{\partial x}$	$\frac{\partial Pr(Y=3)}{\partial x}$	$\frac{\partial Pr(Y=1)}{\partial x}$	$\frac{\partial Pr(Y=2)}{\partial x}$	$\frac{\partial Pr(Y=3)}{\partial x}$
Interocup _melhor	-0.1197 (0.1855)	-0.4177 (0.5661)	0.5374 (0.6848)	-0.0525 * (0.0277)	-0.0729 * (0.0374)	0.1254 * (0.0638)
Interocup _igual	-0.1447 (0.1592)	-0.1628 (0.2144)	0.3076 (0.2069)	-0.0448 (0.0277)	-0.0620 (0.0381)	0.1069 (0.0649)
Intereduc _melhor	-	-	-	-0.0745 (0.0798)	-0.0868 (0.0776)	0.1614 (0.1565)
Intereduc _igual	-0.9994 *** (0.0010)	0.0134 *** (0.0158)	0.9860 * (0.0167)	-0.0733 * (0.0389)	-0.1133 * (0.0629)	0.1867 * (0.1000)
Desc_sup	0.8664*** (0.1658)	0.1276 *** (0.1604)	-0.9941 (0.0089)	0.0349 (0.0355)	0.0436 (0.0409)	-0.0785 (0.0760)
Sexo (Masc)	0.0822 (0.1224)	0.1049 (0.2850)	-0.1872 (0.3857)	0.0137 * (0.0207)	0.0188 (0.0287)	-0.0325 (0.0493)
Casado	0.1068 (0.0917)	0.3408 (0.3504)	-0.4476 * (0.3121)	-0.1619 * (0.0875)	-0.1294 *** (0.0376)	0.2914 ** (0.1196)
Branco	-0.0882 (0.2021)	-0.1082 (0.1841)	0.1965 (0.3295)	-0.0270 (0.0203)	-0.0374 (0.0285)	0.0644 (0.0484)
Idade	0.0111 (0.0154)	0.0152 (0.0228)	-0.0264 (0.0277)	-0.0007 (0.0008)	-0.0009 (0.0012)	0.0016 (0.0020)
Num_ Filhos	-0.1057 (0.1333)	-0.1445 (0.1601)	0.2503 (0.1552)	0.0075 (0.0081)	0.0103 (0.0111)	-0.0178 (0.0191)
NE	-0.0210 (0.3779)	-0.0362 (0.8678)	0.0572 (1.2455)	-0.1074 *** (0.0315)	-0.1626 *** (0.0463)	0.2700*** (0.0729)
CO	-0.1008 (0.1191)	-0.1670 (0.3679)	0.2679 (0.4410)	-0.0442 (0.0349)	-0.0696 (0.0619)	0.1139 (0.0961)
SE	0.4674 (0.8742)	-0.0085 (0.6171)	-0.4589 (0.3181)	-0.0500 (0.0418)	-0.0700 (0.0582)	0.1201 (0.0993)
SUL	0.0424 (0.3284)	0.0408 (0.1673)	-0.0832 (0.4869)	-0.0916 *** (0.0304)	-0.1434 *** (0.0472)	0.2350 *** (0.0740)

Fonte: Elaboração própria.

Nota: *** p-valor < 0,01, ** p-valor <0,05, * p-valor<0,1.

Outro resultado que merece destaque em relação ao grupo 1 é que permanecer com mesmo nível educacional de seus pais, dado que já é elevado, aumenta a probabilidade de melhorar de vida em 98,6 p.p. Para o grupo 2, apenas a variável de permanência intergeracional em educação apresentou significância no modelo. Logo, evidenciou-se que a condição inicial educacional dos pais tem forte relevância na trajetória educacional dos filhos. Visto que filhos de pais com maior grau de escolaridade, têm uma maior probabilidade de alcançar uma mobilidade educacional ascendente.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este trabalho teve como objetivo analisar a mobilidade intergeracional no Brasil a partir da ocupação, educação e padrão de vida, tendo como base de dados uma amostra disponibilizada pela *World Values Survey* para o ano de 2018, uma base até então não utilizada para essa finalidade. Para isso, estimou-se o modelo *Logit* multinominal ordenado de forma a capturar a mudança intergeracional no padrão de vida dos filhos, considerando as mobilidades intergeracionais de ocupação e educação. Destaca-se ainda que, para a variável

ocupação utilizou-se o modelo de estratificação de ocupação apresentado por Jannuzzi (2001, 2003), fazendo uma adequação as classificações ocupacionais disponíveis na base da WVS.

Constatou-se previamente que 11,16% dos indivíduos da amostra pioraram o seu padrão de vida em relação ao de seus pais, enquanto, 19,02% permaneceram na mesma posição e 69,82% melhoraram. No que tange à ocupação, cerca de 85% dos indivíduos permaneceram ou migraram para estratos superior ao de seus pais e apenas 15% descenderam. Em relação ao nível educacional, pôde observar que, aproximadamente 97% dos indivíduos permaneceram ou melhoraram a educação comparado a seus pais.

Os efeitos marginais sugerem que a probabilidade de o indivíduo melhorar o padrão de vida comparado ao de seus pais aumenta com a melhoria do estrato ocupacional, em 11,6%. Já um nível educacional mais elevado que de seus genitores aumentam as chances de elevação no padrão de vida em 25%.

Para os resultados dos efeitos heterogêneos e considerando primeiramente os estratos ocupacionais, os efeitos marginais das variáveis mostram que, para os filhos cujos pais tinham ocupações com maiores remunerações e que melhoraram de estrato ocupacional, a probabilidade de melhorar o padrão de vida aumentou em 18%. Com relação à educação, considerando filhos de pais que possuem pelo menos o ensino superior de ciclo curto, manter o mesmo nível educacional dos pais aumentam as chances de melhorar de vida em 98,6%.

Diante do exposto, pode-se inferir que o efeito intergeracional da variável educação na melhoria do padrão de vida dos indivíduos é superior ao da variável de ocupação. Além disso, filhos de pais com condições socioeconômicas mais elevadas tem mais chances de manterem, ou até mesmo terem, melhores níveis de padrão de vida em relação a de seus genitores, dificultando assim a mobilidade de renda entre os mais pobres e, conseqüentemente, a redistribuição de renda.

Portanto, embora tenha havido uma mobilidade ascendente no padrão de vida dos brasileiros como um todo, àqueles com maior *background* educacional, têm maior probabilidade de alcançar uma posição econômica mais elevada que de seus pais. Essa relação entre a educação dos pais e o padrão de vida dos filhos reflete não apenas a transmissão de recursos financeiros, mas também a transmissão de habilidades e valores sociais que acompanham uma educação mais robusta. Portanto, investimentos em educação de qualidade desde a primeira infância desempenham um papel crucial na pobreza intergeracional e na promoção de uma sociedade mais justa e mais igualitária.

REFERÊNCIAS

ANDRADE, F. S.; CRUZ, M. S. **Análise de Mobilidade Intergeracional no Brasil: perspectivas a partir das rendas dos pais e mães.** ANPEC: Área 12 - Economia Social e Demografia Econômica. 2023.

ANTHONY, F. H.; YIZHANG, Z. **Occupational mobility in developing countries: Conceptual issues and empirical findings.** WIDER Working Paper, No. 2019/96, ISBN 978-92-9256-732-3, Disponível em: <<https://doi.org/10.35188/UNU-WIDER/2019/732-3>>. Acesso em: 05 nov. 2023.

ARAÚJO, A. F.; NETTO JR, J. L. S.; SIQUEIRA, L. B. O. **Mobilidade Intergeracional Educacional no Brasil: Uma Análise Comparativa dos Anos de 1996 e 2014.** Revista Brasileira de Estudos Regionais e Urbanos, v. 16, n. 1, p. 91-112, 2022.

BECKER, G. S.; KOMINERS, S. D.; MURPHY, K. M.; SPENKUCH, J. L. **A Theory of Intergenerational Mobility.** Journal of Political Economy, v. 126, n. S1, 2018.

BRITTO, D. G. C.; FONSECA, A.; PINOTTI, P.; SAMPAIO, B.; WARWAR, L. **Intergenerational Mobility in the Land of Inequality**. 2022. Disponível em: <<https://www.cesifo.org/en/wp>>. Acesso em: 05 nov. 2023.

CARRERA, J. A.; CABALLE, J.; RAURICH, X. **Intergenerational Mobility in Education and Occupation**. 2018. Disponível em: <<https://www.cambridge.org/core>>. Acesso em: 15 nov. 2023.

CONSELHO NACIONAL DE EDUCAÇÃO. Relatório Técnico. **Ciclos Curtos de Ensino Superior**. 2014. Disponível em: <https://www.cnedu.pt/content/edicoes/estudos_e_relatorios/RelatorioTecnico_CCES_Final_5.pdf> Acesso em: 15 de Jan 2024.

CRUZ, G. F. **Mobilidade intergeracional de renda no Brasil: uma análise da evolução nos últimos 20 anos**. Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), 2021.

DESIGUALDADES MUNDIAIS 2022. World Inequality Lab (Laboratório das Desigualdades Mundiais). Disponível em: <https://wir2022.wid.world/www-site/uploads/2023/03/D_FINAL_WIL_RIM_RAPPOR_T_2303.pdf>. Acesso em: 03 fev. 2024.

DORUK, Ö. T.; YAVUZ, H. B.; PASTORE, F. **Intergenerational Occupational Mobility in Latin American Economies: An Empirical Approach**. Institute of Labor Economics, 2020.

GARCIAS, M. O.; KASSOUF, A. L. **Intergenerational mobility in education and occupation and the effect of schooling on youth's earnings in Brazil**. 2021. Disponível em: <<https://doi.org/10.1016/j.econ.2021.05.001>>. Acesso em: 14 nov. 2023.

GOLDTHORPE, J. H. **Social mobility and class structure in modern Britain**. New York: Oxford University Press, 1992.

GOMES, M. R. **Transmissões Intergeracionais das Ocupações e da Educação: da “Armadilha da Pobreza” ao “Ciclo Virtuoso da Riqueza”**. 2021. Disponível em: <<https://www.researchgate.net/publication/358806676>>. Acesso em: 05 nov. 2023.

JANNUZZI, P. de M. **Status socioeconômico das ocupações brasileiras: medidas aproximativas para 1980, 1991 e anos 90**. Revista Brasileira de Estatística, Rio de Janeiro, v. 2, n. 61, p. 47-74, 2001.

JANNUZZI, P. de M. **Estratificação Socioocupacional para estudos de mercado e pesquisa social no Brasil**. São Paulo em Perspectiva, v. 17, n. 3-4, p. 247-254, 2003.

OLIVEIRA, C. de. **Mobilidade sócio-ocupacional no Brasil no novo milênio**. Dissertação (Mestrado em Ciências – Economia Aplicada) – Escola Superior de Agricultura Luiz de Queiroz, Universidade de São Paulo, Piracicaba, 2018.

PASTORE, J. **Desigualdade e mobilidade social no Brasil**. São Paulo: TA Queiroz, 1979.

RELATÓRIO OCDE. **“A Broken Social Elevator? How to Promote Social Mobility”**. Paris: OECD Publishing, 2018. Disponível em: <<https://www.oecd.org/social/broken-elevator-how-to-promote-social-mobility-9789264301085>>. Acesso em: 03 fev. 2024.

RIBEIRO, C. A. C. **Mudanças nas famílias dos jovens e tendências da mobilidade social de brancos e negros no Brasil.** CEBRAP, São Paulo, v. 39, n. 2, p. 257-279, 2020.

TEJEDA, C. A. O.; BERTOLDI, A. D.; CARRARO, A.; RIBEIRO, F. G.; MOTTA, J. V. S.; BARROS, F. C.; HORTA, B. L.; BARROS, A. J. D. **Pai pobre, filho pobre? Uma análise da mobilidade intergeracional de renda na coorte de nascimentos de 1982, Pelotas, Rio Grande do Sul, Brasil.** Cad. Saúde Pública, Rio de Janeiro, v. 31, n. 6, p. 1225-1233, jun. 2015.

VALLE SILVA, N. **Uma proposta de classificação das ocupações brasileiras.** LNCC, 1992. Mimeografado.

WEIDE, R. Van Der; LAKNER, C.; MAHLER, D. G.; NARAYAN, A.; RAMASUBBIAH, R. **Intergenerational Mobility around the World.** 2021. Disponível em: <<https://papers.ssrn.com/>>. Acesso em: 01 nov. 2023.

WORLD VALUES SURVEY. Disponível em: <https://www.worldvaluessurvey.org/WVSDocumentationWV7.jsp>. Acesso em 10 nov. 2023.